

MEDIAÇÃO EM MUSEUS - EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO MUSEU DA UFRGS

Coordenador: CLAUDIA PORCELLIS ARISTIMUNHA

Autor: GABRIELA CORREA DA SILVA

Mediação em museus - experiências vivenciadas no Museu da UFRGS O Museu da UFRGS, ao longo de seus vinte e cinco anos, desenvolve exposições e projetos de difusão científica, tecnológica, artística e cultural. Também são realizadas nos espaços do museu palestras, cursos, apresentações musicais e mostras de vídeos. No Museu da UFRGS, no bojo das propostas de atuação, está a interdisciplinariedade: exposições que abrangem diversas áreas do conhecimento são corriqueiras. Dentro dessa proposta interdisciplinar, o quadro de mediadores é composto por alunos de diferentes cursos de graduação. No que se refere ao público visitante, observamos uma grande diversidade: estudantes de ensino fundamental, médio e de graduação; professores de ensino fundamental, médio e/ou superior; moradores dos bairros próximos e indivíduos em geral. Quem é o mediador? Como o próprio nome sugere, o papel do mediador indica a ponderação do conteúdo apresentado na exposição com o público visitante. Evidentemente que as intervenções devem ser feitas quando solicitadas, de modo que o mediador não se torne um inconveniente para o visitante. Acreditamos que o papel de mediador possa ser representado por qualquer pessoa que esteja interessada nas relações conteúdo/público e na fecundidade que esta situação propicia. Partindo desta concepção de que todos, a princípio, estão aptos a praticar a mediação, acreditamos que o professor, aliando-se ao mediador, pode realizar a explanação dos conteúdos à sua turma. Proporcionando assim, aulas mais dinâmicas e interativas para seus alunos. O público visitante e o mediador Atentos às vivências oriundas da interação entre o público visitante e nós, mediadores, e às possíveis abordagens decorrentes desse contato, expomos abaixo nossos relatos de momentos marcantes ocorridos nas mediações. Na primeira mediação que fiz (outubro de 2008, exposição Arte e Memória), tive meu grande desafio: me fazer entender por uma turma de portadores de necessidades especiais -na maioria deles, surdos-, sem dominar a linguagem de sinais. Os estudantes da escola Paulo Freire, de Porto Alegre, felizmente vieram acompanhados de uma intérprete que intermediava a nossa comunicação. A exposição era composta por obras de arte e, nesse caso, eu precisava que eles se expressassem a fim de que eu pudesse dialogar com o grupo. Para minha surpresa, durante todo o período da mostra, não houve um grupo

que melhor demonstrasse suas impressões: organizados, um de cada vez, todos os meus desafiados se colocavam diante do quadro que estivesse em questão e me faziam sentir exatamente o que aquilo tudo provocava neles. Desabei quando percebi que os meus sentidos todos pareciam estar bloqueados: eles, aqueles que eu desafiei, me desafiavam, um a um, para que eu possa algum dia ser tão sensível quanto me provaram ser. Depois dessa primeira vez, ainda os recebi em outras ocasiões, e na última vez que estiveram no museu, ao final da mediação, se puseram em fila e vieram me abraçar. A cada visita me deixam mais sensibilizada. Espero que em breve eu esteja com os sentidos tão aguçados quanto eles. Ao término de mediações como essa, me sinto feliz por tocá-los de alguma forma. Percebo o quão importantes são ações como a do Museu, da pró-reitoria de extensão, da UFRGS enfim, que tem como intuito divulgar a cultura para os mais diversos públicos e cumpre com sua função social de instituição pública. (Gabriela Correa da Silva)

Durante a preparação da mediação para a exposição Mil anos de Judeus na Polônia, houve uma grande preocupação em relação aos grandes questionamentos que apareceriam quanto ao Holocausto, durante a segunda guerra mundial. Seria inevitável, pois esse seria o ponto mais delicado da exposição. Realizei a mediação de diferentes grupos, jovens, crianças, adultos de origem judaica ou não; foram momentos bastante satisfatórios. Gostaria de relatar com mais ênfase, que em uma determinada tarde, sem muito movimento, recebi a visita de um grupo muito especial. Eram judeus idosos, que vivem em uma casa para terceira idade, e o mais importante, a maioria deles era de origem polonesa e tinha estado na Polônia durante a guerra, alguns haviam perdido a família ou ficado em campos de concentração durante o período. A mais nova do grupo tinha 71 anos. Como eu poderia falar para tais pessoas de um período que para mim era tão distante e tão irreal e que para elas era tão vivo e presente? Bom, deixei que eles me levassem na exposição, fui só dando uns contrapontos históricos e que pra eles pareciam ótimos, não fiz o roteiro normal, fui indo e vindo de acordo com a importância do assunto para eles e respondendo às perguntas mais variadas. Em vários momentos eles ficaram com os olhos mareados devidos às fotografias chocantes da exposição e muitos deles encontraram seus sobrenomes nos painéis. Os painéis com fotos mais fortes do holocausto eu procurei passar rápido, mas muitos deles pararam e ficaram vários minutos olhando sozinhos as fotos, fiquei com um nó na garganta pensando que eles tinham andado naquelas ruas e vivido aquele horror. Ao final todos vieram me perguntar se eu era judeu, pois ficaram impressionados com minha familiaridade com o assunto e, qual curso eu fazia. Descansaram antes de ir embora, pediram para tirar uma foto comigo agradeceram muito e ao final um senhor de quase noventa anos me disse: Eu sou Polônês, de Varsóvia, eu estive lá e vivi

tudo para contar, muito obrigado por tudo e tu vais ser um grande professor de História. Foi uma experiência impressionante tanto no sentido de como mudar uma mediação de acordo com o grupo, como de me colocar mais como ouvinte do que como palestrante, mostrando o quanto a vivência da mediação e do Museu pode me ajudar na experiência de lecionar. (Rafael Antunes do Canto, bolsista Sae) Quando entrei no Museu da UFRGS vim com diversos preconceitos infantis de como era um museu e qual era seu vínculo com a comunidade. No entanto, percebi um local diferente o que me fez pensar sobre o meu papel como mediador, e deste vínculo entre museu e sociedade. No transcorrer das experiências de mediação percebi que antigas concepções foram se desfazendo devido à percepção de uma nova realidade. O museu, aquele antigo senhor que meramente pretendia colecionar objetos antigos ou arte "estranha" havia se transformado em um jovem com sonhos de uma maior participação na construção da sociedade e eu, dentro deste meio, estava em uma importante posição, a de mediador. Esta realidade me levou a refletir acerca do papel do mediador, suas responsabilidades, atribuições, sua postura e também sobre o potencial de transformação social que tem um museu. Dentre todas as vivências que tive no museu, estes pensamentos e reflexões são os maiores aprendizados que levarei e os quais serviram de base para o meu trabalho como professor. (Bernard Goulart Prietto, bolsista Sae)

Considerações Finais Através dos mais diversos momentos que o trabalho de mediação nos oportunizou, entendemos que a experiência que adquirimos enquanto bolsistas nos faz refletir acerca de nosso posicionamento no contexto em que nos inserimos hoje e amanhã. Como estudantes que escolheram a sala de aula como lugar de atuação profissional, estamos convictos de que o resultado de nossa interação com o público visitante se traduz no conhecimento que levamos da mediação como prática educativa para nossa futura atuação como professores.